

Pensamentos em torno do diálogo *Sofista* de Platão

Impressiona a variedade de níveis de realização, de aspectos de vida abordados por Platão em seus diálogos. Talvez o exemplo mais impressionante esteja em *Fedro* que chegou a ser considerado por sua pretensa "dispersão" como um diálogo imaturo de sua juventude quando, muito provavelmente, pertence à última maturidade ou à primeira ancianidade. Foram necessários anos e estudos para que o mundo erudito se desse conta de que a aparente dispersão temática guardava uma unidade profunda. Em ponto menor, o mesmo se dá com o *Sofista*. A uma visão superficial - e sejamos justos, muito superficial mesmo - haveriam dois temas: o tema do não-ser e o tema da classificação do sofista. Porém, neste diálogo, o enlace entre estes dois temas é deixado bastante claro por Platão. Caucionado em Parmênides, o sofista se vale de uma concepção de Ser, que lhe dá armas argumentativas para embaraçar e colocar em contradição os seus oponentes, validando sua atividade de mago das palavras, de criador de imagens e simulacros. "L'Étr.: Or, l'existence du faux implique celle de l'illusion. - Théét.: Oui. - L'Étr.: Et, sans aucun doute, là où il existe de l'illusion, tout est dès lors forcément plein de simulacres, de semblants, d'apparences. - Théét.: Comment le nier en effet? - L'Étr.: Mais sans doute est-ce dans cette région-là que le Sophiste, avons-nous dit, a cherché un refuge, tout en prenant le parti de nier radicalement l'existence du faux: `C'est, dit-il, que personne ne peut ni penser ce qui n'est pas, ni l'énoncer, car le non-être ne participe en rien, ni d'aucune façon, à la réalité de l'existence.'"(Platon-Ouvres complètes. Traduction par Léon Robin. "Le Sophiste". 260cd). Colocando, simplificadamente em minhas palavras: se o não-ser não é, então tudo o que se produz é ser inexistindo assim erro e falsidade. Platão, empenhado que estava em encontrar uma filosofia, uma ética, uma moral e uma política adequada para o funcionamento da pólis e para a felicidade e virtude de seus cidadãos opunha-se a esta maneira de pensar e agir dos sofistas pois a considerava perniciosa para o bem geral. Era fundamental para ele provar o erro do princípio ontológico no qual os sofistas se apoiavam pois a partir desta prova ontológica poder-se-ia desautorizar o pensamento e atividade sofista e estabelecer uma filosofia e uma ética cujos corolários morais, políticos, práticos, permitiriam o bom, belo e justo funcionamento da cidade e do cidadão. Desta forma, era, para ele, vital, encerrar o sofista. O que absolutamente não significa que Platão fosse maniqueísta. Ao longo de seus escritos percebemos que, em cada um, convivem o filósofo, o louco, o sofista, o político e o que mais seja. O homem e a humanidade necessitam destes vários aspectos para manter um equilíbrio criativo. Mas neste diálogo, Platão isola o aspecto sofista, purificando-o e exacerbando-o, com a provável intenção de impedir que excessos sofistas provocassem a decadência da cidade e do cidadão. Por isto mesmo Platão vai à caça do sofista disposto a lhe dar um xeque-mate.

Mas havia um grande obstáculo para este empreendimento. O enorme prestígio e autoridade que Parmênides havia adquirido, a avassaladora influência exercida pela parte de seu poema intitulado "Via da Verdade", funcionavam como tabus culturais e sociais, exigindo de Platão um grande esforço filosófico e psicológico para ultrapassá-los. Vejamos o que nos diz o próprio Platão: "L'Étr.: J'ai maintenant davantage encore à solliciter de toi! - Théét.: De quoi s'agit-il? - L'Étr.: D'admettre que je ne suis pas devenu une sorte de parricide! - Théét.: En quoi donc? - L'Étr.: En ce que, pour nous déffendre, nous serons forcés de mettre à la question la thèse de Parménide, notre père, et d'employer la violence à prouver que, sous un certain rapport, le Non-être existe et que, en revanche, l'etre, à son tour, de quelque façon n'existe pas!"(241d). Mas,

uma vez ultrapassada a barreira foi possível encontrar, examinar e aprofundar novas formulações ontológicas, abrindo uma nova via de pensamento, uma nova visão do real, da realidade, do inteligível, do sensível. "L'Etr.: Mais te rends-tu compte que notre infidélité à l'égard de Parménide vient de dépasser par trop largement l'interdiction prononcée par lui? - Théét.: En quoi donc? - L'Etr.: Au-delà des limites que ce grand homme interdisait à l'examen de franchit, nous autres, ayant poussé plus avant encore notre enquête, nous lui avons faire voire... - Théét.: Comment cela? - L'Etr.: Tandis que, lui, il dit quelque part: *'Que jamais ne domine cette idée, que ce qui n'est pas, est; toi, écarte au contraire ta pensée de cette route de la recherche.'* - Théét.: Effectivement, c'est ainsi qu'il s'exprime! - L'Etr.: ...nous, de notre côté, nous avons fait voir, non pas seulement qu'il y a une existence des non-existants, mais encore nous avons mis en lumière la nature qui est précisément celle du Non-être."(258bc)

É perfeitamente compreensível que Parmênides alcançasse o status de mestre da verdade. Realmente, seu passo filosófico foi absolutamente revolucionário, fortalecendo, solidificando e tornando ubíquo um princípio que se tornou o fundamento duradouro e pervasivo do modo ocidental de pensar. Mas foi um passo, digamos assim, solipsista, uma mônada que a nada levaria, não tivesse Platão aberto a célula. Um passo necessário, indispensável, que não poderia deixar de se realizar mas que necessitava de uma complementação. É claro que esta é uma análise a posteriori quando transformamos o acaso em necessidade. Aquilo que pode ser pensado como emergência pura, um puro brotar, um acontecimento, ganha retrospectivamente um nexa a partir de uma visão atual. A consciência destas deficiências, destas imperfeições, destas construções, destas arbitrariedades interpretativas, não devem, porém nos impedir deste trabalho de exegese, de costura, de tentar dar uma coerência ao que talvez nenhuma coerência tenha. E a questão não é exatamente de dever, mas muito mais de ser. Minha maneira de pensar exige que eu busque concatenações pois, caso contrário, estarei negando minha própria maneira de ser, minha própria individualidade. Se não busco concatenações eu deixarei de ser eu, o mundo não será mundo, e nada terei a dizer ou a fazer nesta terra. Só posso começar a pensar a partir daquilo que sou, do mais profundo arranjo que a vida (e nessa vida eu me incluo) faz aparecer. É claro que a partir daí todos os vãos são possíveis, e devo mesmo realizá-los para levar a vida para a frente, para promover transformações. Impossível, porém, negar a origem, mesmo quando, de alguma maneira, torna-se possível modificar esta origem.

Parmênides foi, pois, um solitário que levou às últimas conseqüências o princípio de identidade. Sem dúvida que este princípio já se encontra nos filósofos que o antecedem, mas é um princípio diluído em filosofias que não o colocam em "close-up". Parmênides renunciou ao sensível, não deixou que um átimo de sensação ou de vida viesse a atrapalhar a atividade pura de seu pensamento e criou, por via exclusivamente da razão um Ser imóvel, eterno, pleno, que não admitia a presença de nenhum outro ser (pois seria um não-ser), um puro produto da lógica e cuja existência se confinava à esfera do inteligível. Era um Ser magnífico em seu solipsismo, em seu isolamento, que não devia nada, nem precisava de nada a não ser de raciocínio. Um Ser que de tão isolado nada tinha a ver com o mundo sensível, com o cotidiano dos cidadãos. Sua outra parte do poema "A Via da Aparência" nada tem a ver com "A Via da Verdade". Poder-se-ia até exagerar dizendo que pareceria um poema escrito por outro pensador tão absoluto é o desligamento entre as duas partes. É de se perguntar o motivo pelo qual um Ser tão absolutamente não-sociável exerceu tamanha força, tamanha fascinação. Estaria o grego se debatendo em busca do princípio de identidade? Teria ele a intuição de que, em levando o princípio às últimas conseqüências este finalmente se estabeleceria solidamente na cultura permitindo uma precisão de raciocínio jamais anteriormente alcançada? Não se pode dizer que o

magnetismo pessoal de Parmênides fosse o fator principal pois, a sua Via da Aparência não conheceu o mesmo sucesso. Tratava-se mesmo da idéia, talvez da possibilidade de um raciocínio absolutamente despido da possibilidade de erro, da conquista de uma posição de onipotência. Mas, talvez, acima de tudo o sucesso e a difusão do pensamento do Ser de Parmênides tivesse a ver com a sensação de estar de posse de um instrumento de julgamento absoluto, instrumento que transformava o Homem em árbitro supremo do Universo, que o elevava à condição divina, que o tornava um Deus julgador e modelador. Através do raciocínio o Homem tornava-se Deus; e é de se perguntar o quanto de fascinação não exerce esta idéia.

Sem dúvida, o princípio de identidade já vinha sendo usado, mas pela primeira vez ele ficava iluminado por fortíssimos holofotes de maneira que não mais se poderia ignorá-lo e nem deixar de alguma maneira de assimilá-lo, fosse aceitando-o ou rejeitando-o.

É claro que os antigos gregos não falavam de princípio de identidade, nem estabeleciam diferenças entre os campos ontológico e lógico. J.E. Raven vai mais longe afirmando haver uma ambigüidade da qual "nem mesmo Parmênides se apercebeu, entre os sentidos predicativo e existencial da palavra grega Ser".(J.E.Raven - "Os filósofos pré-socráticos", pag.276). De qualquer maneira foi um grande feito Parmênides ter realizado "um exercício de dedução lógica sem precedente: partindo da premissa "é" - de forma muito semelhante à que Descartes usou ao partir da premissa "cogito" - Parmênides passa, - usando apenas a razão, sem o contributo dos sentidos - a deduzir tudo o que pode ser conhecido acerca do Ser e acaba por negar qualquer valor real ao testemunho dos sentidos ou qualquer realidade ao que eles parecem apreender"(pag.272).

Temos então um Ser magnífico, pleno, completo, que não tem companheiros, que de nada necessita. Um Ser em absoluto isolamento e que é a máxima abstração e generalização possível. Pois este Ser englobante é também o máximo da diferença, da singularidade. Seu isolamento tanto se dá por uma empáfia (tudo está contido em mim) como por uma solidão (não tenho nenhum companheiro).

Neste momento estou me afastando do pensamento de Parmênides e indo mais às conseqüências deste pensamento. Para Parmênides a Via da Aparência nada tinha a ver com a Via da Verdade de maneira que articular o Ser com seres não tem sentido. Mas, se pensarmos numa grande, absoluta e única mônada verificaremos que na linha do infinito estes dois aspectos se encontram: a máxima abstração e a máxima singularidade. Senão vejamos: quanto à máxima abstração: o não-Ser não é; o Ser é; não há porque preocupar-se com o não-Ser pois o não-Ser não-é. Mas, e quanto ao Ser? O Ser é, logo, um Ser poderia encontrar um outro Ser tornando divisível a noção de Ser e fazendo não só que ele perca as suas propriedades, mas até reintroduzindo a noção de não-Ser, pois entre um Ser e outro Ser haveria um espaço de não-Ser. É forçoso que todo Ser seja englobado por um único e mesmo Ser. Neste sentido o Ser - se ajudássemos a Razão com as sensações - seria o englobamento de todos os Seres em um único Ser. É claro que se permanecermos na esfera do raciocínio puro, não faz sentido falar de generalização. Mas se nos permitirmos uma licença filosófica, então o Ser de Parmênides pode, de um certo ponto de vista, ser considerado uma máxima generalização.

E quanto à máxima singularidade? Prof. Carneiro Leão em uma de suas aulas do segundo semestre de 1993 nos diz: "Idios significa a exacerbação do singular, da diferença. Por que exacerbação? Porque é uma diferença que pretende não ter nada de comum para ser diferente. Pretende como que dispensar a comunhão, o comum, o processo de discriminação(...)Se você encara a coisa neste sentido, você tem a coisa estática, isolada, excluindo toda e qualquer comunhão. Isso possibilita a coisa diferenciada, singular. Com o nome, a mesma coisa. Com o

nome acontece o mesmo problema(...)É como se fosse a exclusão que potenciou-se, levou ao extremo nível, ao grau supremo de exclusão que ele não é capaz de aceitar, de identificar qualquer diferença". Mas, não estão aí características do Ser parmenídico? Não está ele estático, isolado, excluído de qualquer comunhão, incapaz de aceitar e identificar qualquer diferença? Um Ser magnífico em sua solidão esplendorosa e divina, absolutamente desligado da Terra, pairando num mundo perfeito, no mundo da Razão. Mas para que serve um Deus que nem se dá conta da existência dos homens? É preciso trazer este Deus-razão aos homens, à vida, sem porém negá-lo ou destruí-lo. A Razão veio para definitivamente ficar como fundamento da cultura ocidental, mas é preciso que ela saia de seu isolamento, que ela se torne pragmaticamente útil, que ela se exponha às coisas do mundo, ainda que em risco de, em contacto com a imperfeição do sensível, venha a ter diminuídas sua pureza e dignidade. Este é o trabalho que Platão realiza; e ele o faz porque, preocupado com o cidadão e a cidade, precisa tirar o sofista da toca argumentativa em que se meteu; mas para realizar este trabalho ético e político, Platão necessita de uma base metafísica. E a metafísica de Parmênides, tal como ela se apresenta, não é adequada para esta tarefa. É preciso, não abandonar a Razão, mas abri-la para o mundo; sair da tautologia, da imobilidade e isolamento próprios do princípio de identidade; torna-se necessário multiplicar o Ser e, uma vez realizada esta tarefa, colocar os seres em contacto uns com os outros, estabelecendo participações. "L'Étr.: Et ce fut, je crois, pour nous l'occasion de préparer un régal, aussi bien aux novices qu'à ceux des vieillards qui sont tard venus à l'étude! Car il est à la portée de n'importe qui d'objecter tout de suite qu'il est aussi impossible au multiple d'être un, qu'à l'un d'être multiple; et ils se font sans nul doute une joie de ne point permettre qu'on dise: 'l'homme est bon', mais, d'une part, 'le bon est bon' et, de l'autre, 'l'homme est homme' "(251bc). Para sair deste impasse Platão afirma, através do Estrangeiro, da absoluta necessidade de 'mescla' para se obter sentido "...ils ne diraient rien qui eût un sens, s'il était vrai qu'il n'y eût aucun mélange de rien avec rien"(252b). Mas nesta mescla cada idéia ou cada palavra mantém a sua identidade própria; a outra idéia, a idéia ou palavra não-Ser apenas participa por um tempo da primeira idéia do Ser, sem alterá-la em sua essência. Retraindo-se o Outro, o não-Ser, a integridade da idéia, nunca perdida, brilha luminosa, à maneira do Ser parmenídico. A importante diferença é que, enquanto o Ser parmenídico é, em sua essência imóvel, a idéia e a palavra platônica, embora não possuam em sua essência a característica "movimento" participam do gênero movimento, assim como participam dos gêneros imobilidade, identidade e diferença (o Outro). Mantém-se o princípio de identidade e acrescenta-se a possibilidade de participação, de atribuição, de predicação. A própria possibilidade da dialética depende do desdobramento do Ser, da existência do não-Ser, do interstício que separa um Ser de outro Ser, ou, dito de outra maneira, que separa um Ser de um não-Ser, de um Outro; um Outro que, dependendo das peripécias da dialética, poderá tornar-se Ser. Só desta forma torna-se possível o diálogo, a participação, a multiplicidade na unidade, e a unidade na multiplicidade.

De várias maneiras Platão prova a existência do não-Ser. Já quando se diz que o não-Ser é inefável e indizível, está-se afirmando a unidade do não-Ser e portanto atribuindo-lhe uma existência. Mas que tipo de existência é o não-Ser? Cada Ser está rodeado de infinitos não-Seres assim como o Ser, sob outra perspectiva pode ser um não-Ser. Na verdade o não-Ser é um Outro do Ser, ou, dito de outra maneira, o Outro é um não-Ser do Ser. O não-Ser vem a ser um gênero entre outros gêneros, um gênero que se distribui por toda a série dos seres.

O não-Ser existe e tem de existir para que possa haver movimento, participação, diálogo, filosofia, dialética. Os seres inteligíveis, seres em si mesmos, para saírem de seu marasmo, precisam das categorias do não-Ser, do movimento, do Outro, e para permanecerem idênticos a si

mesmos necessitam ser atravessados pelas categorias de identidade e de imobilidade. Este é o seu núcleo duro que funciona mesmo quando em contacto com não-Seres, com outras categorias. Mantém-se assim o fundamental princípio de identidade, sem que este princípio impeça o progresso do pensamento.

Depois de tudo isto dito ser-nos-á difícil pensar que a proveniência da metafísica do não-Ser, do Outro, está na caça ao sofista. O alcance desta metafísica ultrapassa em muito a questão do sofista. E, o sofista, possuindo a arte de criar imagens, propiciará um contraponto entre Ser e não-Ser, entre Ser e Outro do Ser.

Rio, 4 de fevereiro de 1994

Nahman Armony